

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 8, 12.

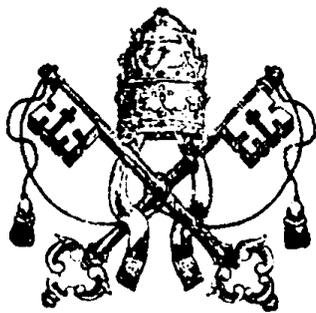
RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 15, 14.

Summario: Carta encyclica do Sancto Padre Leão XIII sobre o Rosario. — Secção religiosa: *Um verdadeiro thesouro de preciosas indulgencias do Rosario: Congresso!* por D. Antonio de Almeida. — Secção scientifica: *O Diabo e as suas obras*, pelo Dr. D. Salvador Casañas y Pagés. — Secção critica: *Voltarão os frades?* por Um catholico. — Secção historica: *Um capitulo de Direito Ecclesiastico*, por M. Martins, Arcipreste; *Galeria dos homens notaveis da Companhia do Jesus*, pelo Padre João Vieira Noves Castro da Cruz. — Secção bibliographica. — Secção illustrada. — Retrospecto, por R.

Gravuras: S. Jeronymo.



Carta Encyclica do Sancto Padre Leão XIII

PAPA PELA DIVINA PROVIDENCIA
SOBRE O ROSARIO

Aos veneraveis Irmãos Patriarchas, Primazes, Arcebispos, Bispos e outros Ordinarios em paz e em communhão com a Sancta Sé Apostolica.

LEÃO XIII, PAPA

Veneraveis Irmãos, saude e benção apostolica

SAUDAMOS sempre com alegria e com um sentimento de maiores esperanças a vinda do mez de outubro, desde que, em harmonia com os Nossos conselhos, este mez é por toda a parte dedicado á Santissima Virgem.

Já ha alguns annos é realmente bella e admiravel a florescencia de obras de piedade, que adorna, em todas as nações catholicas, a devoção do Rosario. Por vezes temos indicado as razões pelas quaes dedicamos este mez á devoção do Sancto Rosario: as más circumstancias em que se encontram a Igreja e a sociedade reclamavam um auxilio divino particularissimo e de todos os momentos; por intercessão de Sua divina Mãe, é que Nós entendemos que devia ser esse auxilio pedido a Deus, e obtel-o exalçando uma oração, uma devoção, cuja soberana virtude o povo christão tem sempre experimentado. Esta experiencia vem desde a origem do mesmo Rosario, quer quando defendia a honra da sua fé contra os furiosos ataques dos hereticos, quer

quando evidenciava em redor d'essa fé o seu cortejo de virtudes abaladas, enfraquecidas pela corrupção do seculo. E, depois, o povo christão não cessou um só instante de fazer esta feliz experiencia por uma serie jámais interrompida de beneficios quer publicos, quer particulares, cuja recordação é para sempre consagrada por institutos e monumentos. E em nossos dias, n'esta época, que soffre de tantos males, temos a alegria de contemplar bella a não mais a messe de frutos de salvação d'esta devoção.

Entretanto, olhando em volta, Veneraveis Irmãos, vereis por vós mesmos que as causas dos nossos males ainda subsistem e até algumas se tornaram mais temiveis. Por isso é que ainda este anno é necessario, com todo o ardor das Nossas exhortações, excitar os rebanhos, que vos são confiados, a orar com fervor á Rainha do Céu.

Nas Nossas meditações sobre a sua natureza intima, tanto mais a excellencia do Rosario e de seus beneficios se patenteia e esclarece a nossos olhos, quanto mais se fortifica o Nosso desejo de vér o Rosario propagar-se por toda a parte, com a esperanza de que as Nossas exhortações terão este excellent resultado: esta devoção melhor comprehendida, mais conhecida e mais praticada desenvolver-se-ha mais salutarmente.

Sem lembrar agora o que temos ensinado nos precedentes annos e sob diferentes fórmulas acerca d'um assumpto que tão querido Nos é, queremos considerar e fazer sentir a providencia de Deus na natureza d'esta devoção, que, exaltando a confiança nas almas que oram, dispõe por esse mesmo facto o maternal coração da Santissima Virgem a corresponder com uma bondade e auxilio dignos d'uma Mãe ás petições que se lhe fazem.

A confiança do auxilio, que temos em Maria, é baseada na grandeza do officio de mediadora da graça, officio que ella exerce continuamente em nosso favor, deante do throno de Deus. — Ella, a creatura mais agradável a Deus por sua di-

gnidade e meritos, e, por consequencia, eminentemente superior em poder a todos os anjos e a todos os santos. Ora este officio de misericordia talvez não seja em outra qualquer parte melhor expresso de que no Rosario, porque as diferentes phases do sublime papel da Santissima Virgem na salvação do genero humano ahi se desenrolam com uma força de verdade quasi dramatica, e isto com immensa vantagem para a nossa piedade, quer a alma contemple essa successão de sanctos mysterios, quer a commoção faça vibrar os labios sempre com a mesma prece.

Em primeiro logar apresentam-se os mysterios gososos. O Filho Eterno de Deus inclina-se para os homens, faz-se Homem elle mesmo, com o consentimento de Maria que concebe do Espirito Sancto, *concupiente de Spiritu Sancto*. João é então santificado, *sanctificatur*, no seio maternal, com um privilegio insigne, e é adornado de graças summas para preparar os caminhos do Senhor: *Ad vias Domini parandas*; é a saudação de Maria ao visitar a sua parenta, sob o impulso do Espirito Sancto, que são devidos estes maravilhosos resultados. Emfim, vem a este mundo Christo, o esperado das nações: *expetatio gentium*; a rolear o seu pobre berço correm os pastores e os magos, primicias da fé, com um desvelo sancto. Encontram o Menino com Maria, sua mãe: *Infantem inveniunt cum Maria Matre ejus*. E pouco depois, Elle, querendo por uma cerimonia publica offerecer-se como Hostia a Deus, seu Pae, faz-se levar ao templo; e allí, por ministerio de sua Mãe, é offerecido ao Senhor; *Scitur Domino*. E Maria, extraviada por um instante no mysterio de Jesus, apparece anciosa, procura por toda a parte seu Filho e o encontra com grande alegria!

A linguagem dos mysterios dolorosos é tambem sublime. No jardim de Gethsémani, onde Jesus tem receio, onde está triste como a morte, e no pretorio onde é flagellado, coroado de duros espinhos, condemnado ao ultimo supplicio,

não se vê Maria, mas ha já muito tempo que ella conhece e soffre essas dôres. Quando deante de Deus ella se inclina como sua serva para se levantar Mãe de seu Filho, ou quando se consagra com Jesus no templo, n'estas duas sollemnes circumstancias ella se associa, desde então, á dolorosa expiação dos crimes do genero humano: é pois impossivel não a vér compartilhar, com toda a força de sua alma, as infinitas angustias de seu Filho e todas as suas dôres! Ademais era em sua presença, sob as suas vistas que devia realizar-se esse divino sacrificio, cuja victima ella alimentára da sua mais pura substancia. É o spectaculo mais commovente d'estes mysterios: *Stabat juxta Crucem Jesu Maria Mater ejus, de pé, apoiada á Cruz de Jesus, estava Maria, sua Mãe, penetrada para conosco d'um amor infinito que a tornava Nossa Mãe, offerecendo ella mesma seu proprio Filho á justiça de Deus e agonisante da sua morte com a alma traspasada d'um gladio de dôr.*

Emfim, nos mysterios gloriosos, que se seguem, a commovente funcção da sublime Virgem é confirmada com uma eloquencia ainda maior. A gloria de seu Filho, vencedor da morte, Maria a goza silenciosa de felicidade; os seus olhos acompanham, com a expressão do seu amor de Mãe, Jesus, que sobe aos céos. Ella, digna do céu, permanece na terra: quer sustentar e guiar com a sua sabedoria a Igreja, que acaba de nascer: *que profundissimam divinæ sapientiæ abyssum ultra quam credi valeat, penetravit* ¹. Entretanto, o mysterio da redempção dos homens não será perfeitamente realisado senão depois da vinda do Espirito Sancto, que Christo prometteu; e eis Maria, apresentada á nossa admiração, no meio do Cenaculo. Ella lá está, rodeada dos apóstolos, orando por elles, com o inenarravel lamento de sua alma, apressando a vinda do Paraclete, dom supremo de Christo, thesouro, fonte preciosa que jámais secará! Ella lá vae agora, dirigindo-se para o seculo eterno, pleitear a nossa causa, desempenhar um ministerio que não mais cessará! Nós a vemos, com effeito, subir d'este valle de lagrimas para a Jerusalem Sancta, escollada e levada pelos côros angelicos. Nós a saudamos sublime de esplendor na gloria dos santos; com a fronte aureolada com um diadema de estrelas, que n'ella depoz seu Divino Filho, ella brilha a seu lado como Rainha de todo o universo.

Veneraveis Irmãos, estes mysterios, nos quaes se desvenda o pensamento de Deus, pensamento de sabedoria, pensamento de misericordia, *consilium Dei, consilium sapientiæ, consilium pieta-*

tis ¹, nos quaes se patenteiam os immensos meritos da Virgem-Mãe, não podem deixar uma só alma insensivel, tão certa é a esperanza, que elles dão, de obter, pelo ministerio de Maria, o beneficio da clemencia e da misericordia divina.

Aos mesmos excellentes resultados conduz a oração vocal, tão maravilhosamente adaptada aos mysterios. Em primeiro logar vem, como é justo, a oração dominical, a oração ao nosso Pae dos Céos. Apenas acabado de invocar em sublimes accentos, a nossa oração, desce do seu throno e se volta mui naturalmente supplicante para Maria em virtude d'essa lei de conciliação e de supplica, bellamente formulada por S. Bernardino de Senna: *Omnis gratia que huic saculo communicatur, triplicem habet processum. Nam a Deo in Christum, a Christo in Virginem, a Virgine in nos ordinatissime dispensatur* ². Toda a graça concedida aos homens chega até elles por tres degraus perfeitamente ordenados: Deus a communica a Christo, de Christo passa á Santissima Virgem, e das mãos de Maria desce até nós. Ora com a recitação do Rosario, nós nos lixamos com mais boa vontade, e de certo modo com mais felicidade, no terceiro d'estes tres degraus, cada um dos quaes tem seu caracter; com a saudação angelica repetida por dezenas, tomamos forças e confiança para subir estes outros dois degraus, para chegarmos, por Jesus Christo, a Deus, seu Pae. Esta mesma saudação a repetimos muitas vezes a Maria, para que a nossa pobre e fraca oração se compenetre e fortifique da confiança necessaria, quando lhe supplicamos que ore por nós a Deus, como em nosso nome. Que encanto e que poder tem as nossas orações aos olhos de Deus com a recommendação da Santissima Virgem, d'aquella que Elle mesmo convidou a falar em termos tão dôces e tão ternos: *Sonet vox tua in auribus meis, vox enim tua dulcis* ³. «Soa a tua voz aos meus ouvidos, porque a tua voz me é mui dôce». Por isso lhe repetimos nós frequentes vezes os seus titulos mais gloriosos para tudo obtermos. N'ella saudamos aquella, que achou graça aos olhos de Deus, *gratiam apud Deum invenit*, particularmente por Elle cheia de graça, *plenam gratia*, d'uma graça cuja abundancia devia espalhar-se sobre todos os homens; saudamol-a como aquella a quem o Senhor se ligou pelos mais fortes laços, a bem dita entre as mulheres, *in mulieribus benedictam*, unica que levantou o anathema e trouxe a felici-

dade ¹, o fructo benedicto de suas entrañas, em que serão hemdidas todas as nações. Nós a invocamos emfim como Mãe de Deus. Em virtude d'esta dignidade, o que não tem ella a certeza de obter para nós, pobres peccadores, e que ha que não possamos esperar em todas as circumstancias da nossa vida e na lucta suprema da agonia?

O christão que com toda a attenção e com a fé da sua alma se compenetrar d'estas orações e d'estes mysterios, não pôde deixar de experimentar um poderoso sentimento de admiração para com os designios de Deus acerca de Maria para a salvação de toda a humanidade. Trásbordará de alegre confiança ao sentir-se sob a protecção, nos braços d'uma tal mãe, e dirá como S. Bernardo: *Recordae-vos, ó piedosa Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que nenhum d'aquelles que tem recorrido á vossa protecção, implorado a vossa assistencia ou reclamado a vossa intercessão haja sido por vós abandonado!*

O Rosario, tão poderoso para excitar a confiança n'aquelles, que oram, goza de igual virtude para commover em nosso favor o coração da Santissima Virgem. Quanto, na verdade, lhe deve ser agradável ouvir-nos e vér-nos tecer-lhe uma harmoniosa corôa de incomparaveis louvores e orações! O spectaculo que nós damos quando rendemos a Deus a gloria que lhe é devida, quando exaltamos o seu poder e bondade, chamando-lhe Nosso Pae e pedindo-lhe, por indignos que somos, beneficios infinitos, esse spectaculo alegre certamente os olhares de Maria e por causa da nossa piedade ella glorifica ao Senhor: *Magnificat Dominum*. E de facto não pedimos a Deus em termos dignos d'Elle, com a Oração Dominical! Ademais, a estas orações tão bellas pelo seu objecto e na sua expressão, em que pedimos beneficios tão conformes á fé, á esperanza e á caridade, ajunta-se para a Santissima Virgem um encanto particularmente delicioso ao seu coração. Na nossa voz distingue ella que, como o accento de Jesus, seu Filho, essa formula de orações é obra sua, e é por sua ordem que nós nos servimos d'ellas: *Sic ergo vos orabitur* ²: vós, vós oraes assim. Vendo nos fieis a esta ordem de seu Filho, pela recitação do Rosario, não duvidemos que Maria desempenhe, com mais ternura ainda, o seu ministerio de bondade, estejamos certos do acolhimento sorridente, maternal, que ella fará ás nossas corôas e graças abundantes, que pagará a cada um de nós com rosas mysticas do nosso Rosario.

O caracter particular d'esta devoção, caracter eminentemente proprio para nos

¹ S. Bernardino, *Serm. in Nativ. B. M. V. n.º 6.*

² *Serm. VI in festis B. M. V. de Annunc.*, a. 1. c. 2.

³ Cant. II, 14.

¹ S. Bernardino, *De XII prerogativo B. M. P. n.º 3.*

¹ S. Thomaz, *Op. VIII, super salut angel.* n.º 8.

² Math. VI, 9.

ajudar a bem orar, é só por si um poderoso motivo para crer que seremos ouvidos. A fragilidade do espirito humano é tal, que um nada basta no decorrer da oração para distrahir de Deus e do objecto de seus pedidos, o pensamento d'aquelle que ora. Ora, quem penetrar a natureza do Rosario, apreciará logo quanto este modo de orar é eficaz para fixar o espirito, para preservar a alma de torpôr e ao mesmo tempo para excitar n'ella uma dôr salutar de seus peccados e guindal-a, e leval-a para o céu. Effectivamente o Rosario compõe-se, como se sabe, de duas partes perfeitamente distinctas e perfeitamente unidas: a meditação dos mysterios e a oração vocal. Este genero de oração exige uma attenção d'um caracter particular; consiste não sómente n'uma direcção geral da alma para com Deus, mas n'uma meditação contemplativa e activa que faz absorver pela alma a sub-tancia mesino da piedade e as considerações mais proprias para fazer mudar de vida. N'ella se encontra, com effeito, tudo o que a religião christã tem de mais substancial e de mais admiravel: as verdades, a luz e ao poder das quaes o genero humano deve o ter visto, para a sua maior felicidade, a verdade, a justiça e a paz comear a reinar no mundo.

E a maneira como estes mysterios são apresentados, no decurso da recitação do Rosario, é mui digna tambem da nossa admiração, se consideramos que estas verdades tão elevadas são postas ao alcance dos mais simples e dos mais ignorantes. Não são dogmas de fé, principios de sabedoria, que se apresentam no Rosario, mas antes factos que os olhos podem vêr e que se gravam na memoria. E estes factos se imprimem tanto melhor na alma e a cominovem, que o fiel os vê taes, quaes elles se passaram na realidade, em todas as circumstancias de tempo, de logar e de pessoas. Quando, desde a infancia, a alma está impregnada da consideração d'estes factos, basta em seguida enunciar os mysterios para que, quem amar um pouco a oração, se lembre de todas as circumstancias, sem nenhuma contenção, por uma especie de movimento, que se torna natural, do espirito e do coração; e um e outro recebem abundantemente o rocio, que Maria faz então chover sobre a alma em oração.

Uma outra razão torna estas corôas mais agradaveis a Maria e dignas a seus olhos de particular recompensa. Quando recitamos a terceira serie dos mysterios, exprimimos com mais vivacidade os nossos sentimentos de amor e de reconhecimento para com a Santissima Virgem; protestamos ser impotentes para lembrar os seus beneficios como o exigiria o amor sem medida que ella mostrou, na parte que tomou na nossa salvação. Estas re-

cordações a cada instante lembradas em sua presença, devem derramar, na sua alma bemaventurada, torrentes de inexprimivel alegria para a linguagem humana, despertar n'ella sentimentos de solicitude e de caridade maternas. E, pela nossa parte, sentimos a evocação de tão grandes mysterios dar à nossa emocionada alma uma força, uma energia de oração que ella a principio não tinha: cada mysterio, que se apresenta, torna-se para ella um novo exercito de argumentos ao qual sente que a Santissima Virgem não pôde resistir: é, effectivamente, junto de vós, ó Santissima Mãe de Deus, que encontramos refugio, nós miseraveis filhos de Eva, a quem vós não desprezareis! Nós vos imploramos, ó conciliadora da nossa salvação, tão poderosa como boa, pela doçura das alegrias, que Jesus, vosso Filho, vos deu, por vossa mysteriosa communhão em suas dôres, pelo esplendor da sua gloria, que vos envolve, nós vos imploramos com todas as forças! Oh! apesar da nossa indignidade, escutae-nos, ouvi-nos!

Veneraveis Irmãos, a excellencia do Rosario que acabamos de pôr em evidencia sob os seus dois aspectos, vos proclama assás a razão da Nossa insistencia em recomendar a pratica e o augmento universal d'esta devoção.

O auxilio do céu, — dissemol-o ao comear —, torna-se de dia para dia mais indispensavel, no seculo em que vivemos. São numerosas as causas de dôr para a Igreja, que vê atacar os seus direitos e a sua liberdade; numerosas são tambem as causas de terror para a sociedade christã, ameaçada na sua paz e na sua prosperidade. A nossa esperança de obter do céu os necessarios socorros está toda, repetimol-o e proclamamol-o de novo, no Rosario. Praza a Deus que esta devoção de nossos paes seja posta em vigor como é Nossa vontade! Oxalã que nas cidades e nas villas, nas familias, nas officinas, entre os grandes e humildes esta devoção seja amada e praticada, e que o Rosario seja por toda a parte a bandeira da fé christã e o poderoso penhor da protecção e da misericordia divinas!

É cada vez mais urgente que todos os christãos trabalhem para obter este resultado, n'uma época em que a impiedade delirante não olvida nenhuma intriga, não recua deante de nenhuma audacia para provocar a colera de Deus e fazer cair sobre a patria o peso da sua justa colera. Entre as outras causas de tantos males, todas as pessoas de bem deploram connosco que no seio das proprias nações catholicas se encontrem christãos em grande numero que se riam das affrontas de todo o genero feitas à Igreja. Vê-se até alguns aproveitarem da licença de publicar tudo para se entregarem ao officio de ridicularisar

perante a multidão as coisas mais sanctas e até a confiança, mil e mil vezes justificada pela experiencia, que os povos têm na intercessão da Santissima Virgem. N'estes ultimos mezes, a propria pessoa do Nosso Salvador Jesus não escapou ao ultrage. Não se teve pejo de arrastar a um theatro, manchado por vezes por muitas vergonhas, e de o representar alli espoliado da magestade da sua natureza divina e negar por isso mesmo a redempção do genero humano. Não se teve tambem pejo de se tentar rehabilitar um homem coberto de eterna infamia, odioso pela monstruosidade de uma traição que proclamará infame por todos os seculos o traidor, que entregou Jesus Christo.

Accrescentaremos que em todas as cidades de Italia onde este crime foi commettido ou esteve prestes a commetter-se, a indignação foi universal e que se deplorou amargamente a violação dos direitos mais sagrados da religião, direitos desconhecidos, calcados aos pés n'uma nação, que se honra como uma das primeiras entre todas, e com justo titulo, do nome de catholica. Commoveu-se a solicitude vigilante dos Bispos, como era de seu dever; os bons pastores fizeram chegar justos protestos áquelles que devem vigiar pela dignidade da patria e da religião. Não contentes de preservarem os seus rebanhos da gravidade do perigo, exhortaram-nos a reparar com solemnidades religiosas a sacrilega offensa feita ao Auctor muito amado da nossa redempção. Foi-nos, por certo, muito agradavel ter conhecimento da commoção e tambem da actividade desenvolvida de mil maneiras pelas pessoas de bem, n'essa occasião; este spectaculo contribuiu para dulcificar a amargura profunda de dôr, que nos causou tal attentado. N'esta solemne occasião em que lemos de falar, não podemos suffocar a Nossa voz e unimos os Nossos mais altos protestos aos dos Bispos e dos fieis. Por esse mesmo sentimento nos inspira o queixar-Nos d'um attentado sacrilego e Nol-o faz condemnar, exhortamos energicamente as nações christãs e em particular a nação italiana a guardar com cuidadosa fidelidade a fé de seus antepassados, a sua mais preciosa herança, a defendel-a com toda a sua energia e a augmental-a ainda pela honestidade da sua vida e pela sua piedade.

Para este effeito, desejamos Nós intimamente que, durante todo o mez de outubro, a piedade dos fieis e das confrarias se esforce em honrar, o mais dignamente possivel, a augusta Mãe de Deus, poderosa protectora da sociedade christã e gloriosa Rainha do Céu. Renovamos e confirmamos de todo o coração os privilegios e as sagradas indulgencias, que para este fim concedemos nos annos precedentes.

Ó Veneraveis Irmãos, que o Deus, que *Nos reservdra na sua misericordiosa providencia tal Mediadora*¹ e que *quiz que Nós recebessesmo tudo por Maria*², se digne por esta poderosa intercessão ouvir os Nossos votos e deferir as Nossas esperanças; para ajudar a sua realisação, Nós vos concedemos de todo o coração a Benção apostolica, a vós, ao clero e ao rebanho confiado a cada um de vós.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, aos 8 de setembro de 1894, decimo setimo anno do Nossu Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

SECÇÃO RELIGIOSA

Um verdadeiro thesouro de preciosas indulgencias do Rosario

Eis aqui, dizia um dia Pio IX, mostrando o Terço aos peregrinos admittidos à sua audiencia, *eis aqui o mais precioso thesouro do Vaticano*.

E ha, com effeito, no catalogo das indulgencias do Rosario, verdadeiros thesouros, que muitas pessoas jámais terão notado. Apontemos alguns:

1.º Todos aquelles que fazem parte da Confraria do Rosario ganham, recitando o Terço, 2:025 dias de indulgencia por cada *Avé Maria*, o que, em cada Terço, perfaz 101:250 dias de indulgencia, e 303:750 em cada Rosario.

Esta graça extraordinaria é perfeitamente authentica. Não é pois ella um verdadeiro thesouro?

2.º Todos os membros da Confraria do Rosario, que, arrependidos de seus peccados, trazem consigo um Terço (na algibeira ou ao pescoço), ganham 40:000 dias de indulgencia, uma vez cada dia.

Não é necessario trazel-o de dia e de noite. É no emtanto um piedoso e louvavel costume ter sempre consigo um Terço, ou pelo menos muito perto de si.

Exalta-se, e com razão, a famosa indulgencia de 500 dias em cada conta, concedida aos Padres Cruzios. Comtudo, recitando um Terço inteiro indulgenciado d'este modo, não se ganha senão a quarta parte das indulgencias applicadas à *Avé Maria* e pouco mais de metade das concedidas a quem traz consigo o Terço.

3.º Além d'estas, ha ainda muitas indulgencias que foram concedidas por Pio IX à recitação do Terço.

Eis algumas: 2 annos; — 7 annos e 7 quarentenas; — 100 dias por cada *Padre*

¹ S. Bernardino, *De XII prero*, B. M. V., n.º 2.

² Id. *Serm. in Nativ. B. M.*, n.º 7.

³ Catal. ix, 3 — *Congreg. das Indul.*, 29 de março de 1886.

⁴ Catal. ix, 3.

Nossu ou *Avé Maria*; — 50 annos quando se recita o Terço na igreja da Confraria, ou, não a havendo, em qualquer outra igreja ou capella.

Só por si, esta ultima indulgencia é equivalente à dos Padres Cruzios.

4.º É bom notar que todas as indulgencias do Rosario, plenarias ou parciaes, são applicaveis às Almas do Purgatorio.

Buscae, pois, n'este precioso thesouro a indulgencia e o perdão para vós mesmos e para as Almas do Purgatorio! « É não esqueçaes nunca, diz Sancto Alfonso, que depois da Sagrada Communhão e Sancta Missa nada ha melhor que o Rosario para alliviar as Almas do Purgatorio ».

Congresso!

Por ocasião da festa de S. Joaquim recebeu Sua Santidade Leão XIII, na sua bibliotheca particular no Vaticano, as felicitações do Sacro Collegio, dos Bispos que estavam n'aquelle dia em Roma, da sua côrte e outros personagens. Recebidas e devidamente apreciadas pelo Pontifice-Rei aquellas felicitações, aprouve-lhe conversar por uma hora com a nobre e dedicada assistencia, fazendo sempre sensível sua solicitude pelos interesses da Sancta Igreja de Deus, e varios foram os pontos que o Summo Pontifice tocou, sendo um d'elles os *Congressos Eucharisticos*: pouco antes se tinha verificado em Reims (França) um *Congresso Eucharistico*, o terceiro a contar do primeiro realizado na cidade de Jerusalem. Relativamente aos *mesmos congressos* disse Sua Santidade: « que elles eram de grande consolação em face das tristes explorações da impiedade, como tambem um testemunho do fervor dos fieis em venerar o mais Augusto mysterio de nossos altares, felicitando-se por esse admiravel impulso das manifestações de fé (os *Congressos Catholicos*) para com a Divina Eucharistia ». Esperamos, que *Guimarães* dará tambem grande consolação ao Vigario de Christo pelo seu *Congresso Eucharistico*, a respeito do qual julgamos já *comprometida* a pia, nobre e vetusta cidade designada. Bom é o acharmo-nos *comprometidos no bem!*

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O Diabo e as suas obras

(Continuado do n.º antecedente)

PESAR do muito que hão devaneado certos philosophos, nenhum ha que seriamente affirme que o fluido electrico infunda, repenti-

amente, a sciencia e o conhecimento de linguas jámais sabidas, nem que o supposto fluido magnetico-animal guarde a menor proporção com o movimento dos moveis d'uma sala ou com as harmonias que se ouvem sem musica nem instrumentos que as produzam, nem que todos os fluidos ponderaveis ou imponderaveis, que possam inventar-se, nem todas as modificações imaginarias, que queiram *suppôr-se* no homem, são aptas para causar n'um pé a sensação da vista, ou n'um cotovello a do olfacto, nem que a vontade d'um homem tenha virtude natural bastante, para que, com um acto de imperio secreto, pouha a outro homem em communicação com os séres d'além-tumulo, ou lhe faça saber o que não sabe, ou querer o que não queira.

Repetimol-o: ou a sciencia moderna encontrou o segredo de produzir effeito sem causa proporcionada, ou os phenomenos mesmericos, spiriticos e hypnoticos, não se explicam pelas theorias até ao presente inventadas nas escholas objectivista ou subjectivista.

Queremos avançar ainda um pouco mais e expôr outro argumento, que ao passo que é uma nova demonstração da inefficacia das theorias que vimus impugnando, manifesta ao mesmo tempo que se não encontrou até hoje, nem é possível encontrar-se para o futuro, uma força natural corporea ou humana, apta para produzir aquelles phenomenos. E se alguém replicar que se não todas e cada uma das theorias inventadas podem explical-os a todos, oitem-se ao menos a explicação parcial de cada um por sua theoria respectiva, responder-lhe-cimos que, como acima dissemos, se tracta aqui de buscar uma causa geradora de todos os phenomenos, isto é, uma causa unica que os produza a todos, apesar do prodigioso do modo e da infinita variedade de seus generos e especies. Por quanto, embora acaso se possa assignalar algum phenomeno isolado, a que parecer correspondder uma causa physica proporcional à natureza do mesmo, não se poderia comtudo philosophica ou scientificamente affirmar que deva attribuir-se o effeito á dicta causa, senão a outra causa unica, superior que os produz a todos.

Para melhor intelligencia d'esta affirmação, ha-de se ter em conta que os phenomenos do *mesmerismo*, *hypnotismo* e *spiritismo*, costumam realisar-se simultaneamente sob a acção e influencia de um só agente, tanto os poucos que porventura poderiam ter alguma explicação natural, como a immensa maioria e a quasi totalidade dos mesmos, que não podem explicar-se por nenhuma causa physica ou puramente humana, e que a simultaneidade na produccão dos mesmos, ou a separação,

nem é casual, nem devida a causas naturaes que poderiam considerar-se geradoras de algum d'elles; senão á vontade ou intenção directa e anteriormente expressada de um agente unico, que tem sob seu dominio os agentes ou causas intermedias, que concorrem na producção dos phenomenos e, de ordinario, obedecem docilmente a seu imperio. E como a effectividade dos factos não deve attribuir-se principalmente ás causas intermedias instrumentaes, senão á causa principal que applica e põe em exercicio a actividade ou forças das causas instrumentaes, collige-se que, obedecendo todos os referidos phenomenos á acção e influencia de uma causa commum superior, não devem nem podem attribuir-se propria e primeiramente áquella causa physica particular, que porventura guarde alguma proporção com a natureza de algum dos effectos particulares, senão á causa commum e principal que os produz a todos.

Ide perguntar a Douato ou a qualquer outro do mesmo officio, que, ao parecer, se entretinha innocentemente em hypnotisar a uma pessoa amiga, para entreter-se e recrear-se com seus consocios mediante os mais simples e mais naturaes phenomenos; inquiri um medico hypnotista, que desconfiando poder mitigar com a acção da morfina as dores do seu cliente, o faz entrar no somno hypnotico; perguntai-lhes, repetimos, se crêem poder realizar em vez d'aquelles effectos vulgares outros phenomenos transcendentes, como os que temos tanta vez enumerado. E contestar-vos-ão com franqueza, que o fariam sem a menor difficuldade, se os não impedissem razões de conveniencia; porque o hypnotismo (e o mesmo diria um mesmerista ou spiritista) é omnipotente quando se tracta d'esta classe de phenomenos. Não olvideis os espectaculos que se presenciaram no Porto e Lisboa em 1888, e ha pouco em Lisboa, prova evidente de que todos elles reconhecem uma causa commum, por mais que sejam tam diversos em seus generos ou especies.

Pois bem; esta causa unica, esta causa commum de todos os phenomenos mesmericos ou spiriticos, é superior a toda a força corporea ou puramente humana. A razão é obvia: procedamos por partes. Todos os seres corporeos, ou sejam solidos, liquidos, ou aeriformes, ponderaveis ou imponderaveis, estão submettidos a leis determinadas e estaveis em sua acção, porque não podem subtrahir-se ás restricções e limitações proprias de seu ser: *Operari sequitur esse*. Portanto, não podem sair da esphera de acção da causa corporea, nem nas operações que lhes são proprias podem subtrahir-se ás leis constantes e invariaveis da natureza. É este um principio admitido pela verdadeira philosophia, cuja

exactidão vemos confirmada pela experiencia de todos os tempos e de todos os homens. E não obstante, com os phenomenos que nos occupam dá-se em tudo o contrario; nem se realisam nas condições de effectos devidos á actividade d'uma causa puramente corporea, nem os que se contém dentro dos limites de uma causa puramente corporea, estão submettidos ás leis constantes e invariaveis dos agentes corporeos.

Quem duvida que entre os phenomenos do spiritismo e do somnambulismo lucido ha muitos a denunciarem uma causa intelligente? Quem duvida que muitos d'elles suppõem uma causa livre a que se sujeitam docéis e obedientes? Recordai aquelles factos psychologicos de claro-videncia, os conhecimentos adquiridos pelo somno magnetico, os phenomenos de adivinhação, tantas vezes citados; a leitura de escriptos reconditos; a locução e intellecção de linguas desconhecidas; factos que revelam intelligencia e excedem por isso mesmo a esphera de acção de uma causa puramente corporea. Recordai egualmente os phenomenos que durante o extase magnetico affectam a vontade do hypnotisado ou somnambulo, de tal modo que a tem totalmente subordinada e submettida á do hypnotisador e magnetisador, o qual, consoante dissemos, a incita, a retem, a dirige ao sabor de seus desejos; e menos podereis deixar de convir que estes phenomenos volitivos, dependentes de uma vontade racional, excedem evidentemente os limites a que se restringem por necessidade os effectos de uma causa puramente e exclusivamente corporea.

Supponhamos que tendes presente o arremesso, o gesto de assassinato da dama hypnotisada no Theatro de Madrid, assim como os accessos de loucura, suicidio, odios, irreligião e outros mil relacionados no memorial apresentado ao Congresso dos Estados-Unidos, que, como se vé, presuppõem todos a acção de uma causa racional. Fica pois cabalmente provado que os phenomenos do mesmerismo e spiritismo, ao menos os psychologicos e physiologicos, não se circumscvem ás condições proprias de effectos de uma causa puramente corporea.

Que não estão submettidos nem respondem ás leis physicas da natureza aquelles factos spiriticos ou hypnoticos, os quaes, considerados em si mesmos, poderiam reputar-se contidos dentro dos limites da esphera da acção d'um agente corporeo, demonstra-o claramente o modo como se realisam. Poderão ser factos puramente physicos, considerados em si mesmos; não o são porém no modo, fórma e demais circumstancias que concorrem na sua producção. Basta reavivar a memoria ácerca de alguns. As mesas dançantes sem agente visivel

que as mova, os veladores que ao revéz das leis da gravidade se levantam e adherem ao tecto sem que ninguem os sustenha; os phenomenos testificados por milhares de pessoas, dictos das mesas falantes; as harmonias que resoam nos ares, sem voz humana ou instrumento que as produza; a luz phosphorescente que á vontade do *medium* apparece de repente na sala, onde as vélas se apagam; as pancadas que se ouvem na parede da casa deshabitada; a chuva de pedras que espontaneamente atormentam uma familia pacifica sem causa alguma visivel; os abalos d'um pavimento que parece desapparecer por instantes sob os pés dos assistentes ou de uma casa que oscilla e estremece para em breve ficar firme e estavel, ao capricho de um *medium*. Dizei-nos, pois, se tudo isto não revela uma ausencia absoluta, um transtorno das leis physicas nos phenomenos apontados? Alguem haverá sensato que não veja aqui algum agente superior á natureza corporea, a qual, como havemos dicto, deve operar de um modo sempre uniforme, sujeito como está a leis physicas e invariaveis? Vêde como os phenomenos mesmericos e spiriticos, psychologicos ou physiologicos, physicos ou mechanicos, não podem ser effecto de uma causa puramente corporea.

Offerecemo-nos, finalmente, a demonstrar que os phenomenos, de que nos occupamos, estão fóra do alcance da potencialidade humana, e presuppõem, portanto, um agente superior ao homem, e vamos a cumpril-o mediante um raciocinio breve, porém claro e conclusivo.

Poderá, á primeira vista, parecer que ha uma contradicção em nossas asserções, visto como ora discutimos ácerca de factos produzidos pelo homem, ora affirmamos estarem esses factos fóra do alcance do homem e serem-lhe a elle superiores. De prompto se desvanee esta apparente contradicção com só ponderar que uma coisa é verificar-se um phenomeno no homem e pelo homem, outra coisa é verificar-se por virtude propria do homem, pois não ha difficuldade alguma em admittir que se realisem no homem certos factos contra sua vontade, e que o homem mesmo pratique certos actos, não por virtude propria, mas voluntaria ou involuntariamente, movido por um agente superior a elle. Os mesmos actos sobrenaturaes não se operam no homem sem o concurso de uma virtude superior, qual é a graça divina. No concernente pois ao nosso proposito, diremos que muitos actos do hypnotismo e spiritismo se verificam fóra do homem, sem o concurso do homem; outros, no homem, contra vontade do homem; e outros emfim os opéra o mesmo homem, mas não em

virtude de suas proprias forças, que não alcançam a tanto, senão por um agente que lhe é superior. Provado isto, não só ficará desvanecida a dificuldade annunciada, senão que também, presuppuesto o principio de que todos os phenomenos a que nos referimos, procedem da mesma e unica causa, ficará demonstrado que estão fóra da potencialidade do homem e accusam a existencia e intervenção de uma força sobre-humana.

Não queremos por miúdo resumir os factos tanta vez repetidos; só faremos notar que muitos d'elles se produzem sem o concurso e contra a expectação dos *mediums*, segundo affirma a historia com relação a multissimos phenomenos mechanicos e physicos; que outros se verificam no homem a pezar seu, como acontece nos physiologicos, alguns dos quaes não só exercem uma oppressão tyrannica no paciente, senão que excedem as intenções e facultades do magnetizador, vendo-se este impotente para regularisal-os, diminuil-os ou pôr-lhes termo: e finalmente está fóra de toda a duvida, em face d'uma constante experiencia, que a quasi totalidade dos phenomenos que opéra o mesmo homem, no attinente ao hypnotizador ou ao hypnotizado (e o mesmo deve entender-se do somnambulismo e spiritismo), embora na apparencia sejam actos do homem, são devidos a um agente mui superior ao homem, como os que se referem á transposição dos sentidos, á adivinhação e outros conhecimentos preternaturaes.

Por onde é logico concluir: que não podem attribuir-se os phenomenos mesmericos e spiriticos ás forças da natureza physica, nem á potencialidade humana; e que, por conseguinte, caem pela base as theorias physiologicas e psychologicas da eschola objectivista, não menos que a theoria da fascinação e outras da eschola subjectivista.

(Continúa).

DR. D. SALVADOR CASAÑAS Y PAGÉS.

SECÇÃO CRITICA

Voltarão os frades?

Tudo contra! Applicação dos rendimentos das ordens religiosas.

SE attendermos ao numero total dos frades, poderá alguém dizer-nos, que o rendimento de cada um d'elles não é tão pequeno, como indicamos, mas sim de mais de 125\$000 reis por anno.

Não é mister, que um individuo seja um

abastado proprietario, um grande negociante, um elevado funcionario, para que tenha um rendimento annual muito superior.

Além d'isto, se os 5:621 frades tinham um rendimento de 763 contos annuaes, despendiam 240 contos com dizimos, direitos senhoriaes, quartos, oitavos e jugadas e outros tributos. E note-se, que, quando indicamos a média dos rendimentos por cada convento e por cada frade, não attendemos a estas deducções nem consideramos como existentes os hospicios, senão para aquellas ordens, cujos membros viviam em hospicios por não terem conventos em Portugal. Taes eram: os Paulistas reformados, os Nazarenos, os Barbadinhos e os Carmelitas allemães.

Tambem n'esses rendimentos não descontamos a quantia de quasi 34:500\$000 reis, pertencentes ás tres ordens militares de Christo, S. Thiago e Aviz. Se o fizermos, vêr-se-ha, que os rendimentos dos mosteiros, propriamente ditos, eram ainda muito menores, pois bem importante é aquella quantia.

*

Mas o cerceamento ainda não ficava por aqui.

Os frades tinham de sustentar e pagar a mais de 600 creados e serviçaes. — Celebravam as solemnidades religiosas com mais ou menos pompa, mas sempre com decencia, em conformidade com os seus haveres e as ordens a que pertenciam. — Davam todos os dias esmolas (á portaria) a muitos indigentes, não faltando em algumas pessoas, a entrevados e a familias envergonhadas. — Despendiam não pouco com hospedagens, o que foi um grande mal para os frades, porque, além de se prejudicarem em seus haveres, eram julgados como riquissimos pelos mesmos a quem hospedavam! — Gratificavam professores e sustentavam aulas, que eram frequentadas por seculares, o que lhes causava identicos prejuizos e ainda em cima creavam *doutores*, que mais tarde abocanharam os frades e concorreram para a ruina d'estes.

— Com seus recursos acudiam ao thesouro publico, quando este se via em embaraços e o governo, proporcionalmente aos rendimentos dos mosteiros, lhes lançava uma finta, a titulo de emprestimo, que nunca se pagava. — Despendiam com legados pios e, em occasiões de guerra, gastavam grossas quantias com aboletamentos, que bastantes estragos lhes causavam nos edificios. — Estes, para a sua conservação e obras indispensaveis, faziam gastar aos frades annualmente bastantes sommas. — Outras contribuições de guerra, além dos aboletamentos, esvasiavam, de tempos a tempos, os cofres dos mosteiros,

quando ali havia algumas economias, devidas a não poucos sacrificios! — Despendiam com medicos, boticas e dietas. — Tinham os gastos com lavagem de roupas, calçado, concerto de paramentos, compras d'estes e d'outras alfaias do culto, e finalmente, tinham as despezas, a que geralmente se sujeitam todos os que governam casa. — Se os Cruzios, os Bernardos, os Bentos, os Nerys, os Gracianos e outros eram tidos como abastados e até como ricos, eram sempre os que mais despezas eram obrigados a fazer, não só com hospedagens e com recepções a pessoas importantes, mas com as recepções á familia real e até a altos dignatarios estrangeiros. — Tinham collegios em Coimbra e n'outras localidades, e á sua custa se formaram não poucos individuos seculares e desfavorecidos de meios.

Afidalgaram assim esses individuos, que, se não fossem os frades, viveriam sempre na miseria, e que depois lhes pagaram com feia ingratição perseguindo-os e insultando-os.

E os descendentes d'esses *afidalgados*, tanto na imprensa, como no parlamento, como em conversas particulares, seguem n'isso, mas ainda mais atrozmente, as pisadas de seus maiores! E alguns de taes descendentes estão-se locupletando com os bens das ordens monasticas e sempre queixando-se, dizendo, que tudo é pouco, para serem pagos dos grandes serviços prestados á *liberdade!*

*

Mas não ficavam por aqui os encargos das ordens, a que nos referimos, e ainda de outras menos abastadas.

Ellas davam aos pobres, das povoações, que lhes ficavam proximas, os remedios e as dietas nas doencas e ministravam-lhes facultativos; davam pousada gratuita a peregrinos, concertavam caminhos, franqueavam as suas livrarias e faziam outras obras de utilidade publica e em protecção da humanidade.

*

Os inimigos dos frades, por certo, virão agora com um argumento, mais sarcastico do que por convicção e por um bom raciocinio.

Hão-de dizer-nos, que parece impossivel, que com um rendimento tão pequeno (como dizemos), e tão cerceado com taes encargos, os frades podessem sustentar-se e fazer todas as despezas domesticas e aquellas a que não pôde eximir-se uma qualquer familia de medianos haveres e de posição menos elevada.

A esta sophistica *duvida* facilmente pôde responder-se.

Os frades não tinham unicamente os

rendimentos, provenientes das suas propriedades rusticas e urbanas, e ainda de alguns capitaes dados a juros. Tinham o chamado *rendimento da sacristia*, proveniente das missas, dos officios, dos sermões, dos enterros e d'algumas festividades; a que assistiam fóra da propria igreja; das escolas de alguns bemfeitores, e dos subsidios de algumas camaras.

Advirta-se, porém, que estes taes beneficcios eram sempre sujeitos a não poucos encargos, taes como: um certo numero de missas, alguns sermões na quaresma, o sustento e educação de alguns orphãos e ainda outros.

A união faz a força e faz tambem a boa economia. Assim, os frades, ainda que tivessem pequenos rendimentos, podiam viver, se não na abundancia, pelo menos sem terem frio nem fome e sem deixarem de fazer outras despesas indispensaveis. Viviam em commum. Trajavam igualmente e sem a variedade, que as modas no seculo constantemente exigem.

Comiam da mesma cozinha e sem variedade, a não ser nos dias mais festivos e quando havia hospedes de cerimonia. Mas esta differença para com taes hospedes servia-lhes menos de regalo para o corpo, que de sacrificio para as bolsas. — Os ganhos com os sermões, missas, festas e outros identicos, tudo era entregue ao prelado e entrava no mesmo cofre.

E assim como os ganhos eram communs, assim o eram as despesas.

N'um regimento, n'um collegio, n'uma associação, emfim, onde ha communitade, a média das despesas por cada individuo é sempre muito menor. D'outra sorte, seria impossivel, que um soldado podesse viver com tão pequena paga.

O governo, como já dissemos, ficando um subsidio aos frades, expulsos dos seus conventos e que ficaram officialmente denominados — Egressos —. Esse subsidio variou de muitas maneiras e teve muitas alternativas, atrazos e interrupções.

Mas, se um frade no seu convento, não tivesse de rendimento mais de 240 reis diarios (além dos ganhos da sacristia), melhor poderia lá viver com

isso, do que, fóra, poderia viver com o triplo ou com o quadruplo de tal quantia.

Em Londres ha sociedades de artistas e de pequenos empregados do commercio, que, por uma insignificante meusalidade, têm duas ou tres refeições diarias, com a sufficiente abundancia, limpeza e perfeição, chegando algumas vezes a haver saldo importante a favor dos associados.

ventos com as suas cercas, ainda que muito limitadas.

Estas poderiam dar-lhes alguns fructos para o refeitório, flores e arbustos para os templos e o indispensavel e natural recreio. E os ganhos de cada um dos habitadores de cada convento, ganhos como os pôde ter qualquer outro clérigo, entrando todos em um cofre e administrados convenientemente, dariam para uma frugal subsistencia d'esses individuos, se elles seguissem mais as leis da modestia, do que as da superfluidade.

E estas leis eram seguidas pelos frades e por isso algumas communitades augmentaram os seus haveres ou pelo menos conservavam-n'os em bom estado.

Por isso, quando os frades foram expulsos dos seus conventos, raro era d'estes o que não tivesse algumas sobras em cofre, e rarissimo o que tinha dividas passivas.

E se os haveres dos frades eram em dinheiro, estes o emprestavam por um juro modico, sendo assim cada convento uma pequena caixa economica para acudir ao proprietario pouco abastado, ao negociante pouco enriquecido, ao artista laborioso e a outros individuos, que gozassem de seguro credito.

Se os haveres dos frades eram predios rusticos, ali tinham, onde ganhar dinheiro os que se dedicam aos trabalhos agricolas. Se eram predios urbanos, tambem os artistas ali encontravam meios de subsistencia, pois esses edificios, bem como as Igrejas e conventos respectivos, sempre mais ou menos careciam de reparos.

Mas com os conventos não lucravam só os individuos das classes, que apontamos. Lucravam os facultativos, que tractavam dos habitadores das

differentes casas religiosas e das suas dependencias; o pharmaceutico, onde havia mosteiros sem botica; os fornecedores das munhões de bocca; os negociantes de fazendas, necessarias para os diversos usos das casas monasticas, emfim, os industriaes, os artistas e até os proprietarios.

Pôde dizer-se, que n'uma localidade, onde houvesse um ou mais conventos, muita gente tirava d'elles vantagem, como acontece nas localidades, onde



S. JERONYMO

E o que lá acontece, dá-se n'outras localidades. E entre nós já se tem formado associações com o fim de conseguirem subsistencias com pouco dispendio.

Nós ousamos até affirmar o seguinte: Se entre nós fossem permitidas as associações religiosas, parece-nos, que as do sexo masculino poderiam viver sem mais propriedades, que os respectivos con-

ainda hoje ha algum convento de freiras, alguns collegios, asylos, quartéis, officinas, seminarios e outros estabelecimentos, onde se vive e se gasta em commum.

*

Ris, como os bens dos frades não eram só uteis aos seus possuidores, mas tambem com elles utilisavam muitos individuos das diferentes classes da sociedade.

Já se vê, que esta não perdia com taes institutos, pois n'elles, directa ou indirectamente, encontrava protecção; os ganhos, obtidos pelos frades, concorriam para beneficiar a agricultura e proteger as artes. De maneira que, se do povo os frades recebiam os chamados *rendimentos de sachristia*, estes, insensivelmente, revertiam em favor do mesmo povo, porque, melhorando a agricultura, maior era a abundancia dos fructos e maior numero de braços se podiam empregar nos trabalhos agricolas; fazendo-se reparos e obras nos edificios, dava-se protecção ás artes e aos artistas.

*

Mas esses ganhos ou *rendimentos de sachristia*, que tantos clamores fazem levantar aos philosophos, quasi nunca sabiam dos haveres dos individuos, que mais necessitavam do trabalho. Geralmente eram pagos por familias abastadas e por corporações de não acanhados recursos.

Portanto, não havia o minimo sacrificio com taes dispendios ou voluntarios ou por obrigação, consequencia de um contracto bilateral.

É no mesmo caso estavam as esmolas, as pensões e certos subsidios a conventos de ordens mendicantes e ainda a outros.

Por esta fórma os ricos, os abastados, os abonados concorriam para a subsistencia dos pobres, por intermedio dos frades e por um meio sempre religioso. Era, (*deixae-nos assim dizer*), um communismo indirecto, mas sempre abençoado e sempre util, porque não lesava o thesouro e matava a fome a grande numero de familias, sempre pacificamente e sempre em boa harmonia.

(Continúa).

UM CATHOLICO.

SECÇÃO HISTORICA

Um capitulo de Direito Ecclesiastico

Arciprestes

A criação dos Arciprestados data dos primeiros seculos da Igreja, mas como são de mera instituição ecclesiastica e

foram creados para o bom regimen da Igreja e manutenção da disciplina, têm passado por varias modificações, segundo a diversidade dos tempos e dos logares.

A Igreja Catholica, *immutavel no seu dogma e na sua moral*, tem soffrido varias modificações na sua disciplina impostas pelas circumstancias do tempo, da nacionalidade, dos costumes e das raças. Regulamentos, que eram necessarios n'um seculo e para certo e determinado povo ou região, deixaram de o ser n'outro seculo ou parte do mundo, sem que com isso soffresse a Igreja na immutabilidade do seu dogma, da sua moral e da sua disciplina fundamental.

Assim a disciplina presente da Igreja com respeito á preparação dos catecumenos para o baptismo, á maneira de administrar este Sancto Sacramento, á reconciliação dos penitentes, á communhão nas duas especies, ao cumprimento vigoroso do preceito do jejum e em muitos outros pontos, não é hoje o que foi nos primitivos tempos da Igreja.

Perseguida violentamente nos primeiros tres seculos, triumphante no quarto, tendo nos seculos seguintes de lutar com a barbaria dos povos do norte, com a instabilidade dos governos e das instituições, com a heresia e com o scisma, com a impiedade e com a indifferença, segundo a diversidade dos tempos e dos logares, a Igreja com toda a plenitude do seu poder e com a indefectivel assistencia do seu divino fundador, tem modificado e accomodado a sua disciplina ás necessidades dos povos e das raças, permanecendo entretanto a mesma no seu dogma e na sua fé, no meio das infinitas transformações, por que a sociedade tem passado ha dezoito seculos a esta parte.

Os Arciprestados, instituição de pura fundação ecclesiastica, como dissemos, têm estado sujeitos a esta lei: não são hoje o que foram nos seculos passados, não são em Portugal o que são na Hespanha ou na França, n'uma diocese o que são na outra, como vamos vêr.

*

Os primeiros tres seculos foram para a Igreja um periodo de prégação, de propaganda e de luta constante. Os Apostolos e os seus immediatos successores trataram primeiro que tudo de ensinar e espalhar a doutrina do seu divino mestre, e á medida que augmentava o numero de fleis e se alargava a influencia do Evangelho, assim se iam formando novas Igrejas, que eram confiadas ao cuidado dos Bispos, successores dos Apostolos no governo da Igreja e da administração dos Sacramentos.

Observa-se, entretanto, que logo nos primeiros tempos se estabelece e fixa a

distincção fundamental entre fleis ou leigos e sacerdotes ou clérigos. Uns ensinam, prégam e administram os Sacramentos, outros escutam esses ensinamentos, aprendem e recebem a graça sacramental; uns mandam, outros obedecem. Não está ainda perfeitamente desenvolvida a hierarchia ecclesiastica nos seus diferentes graus — Bispo, Presbytero, Diacono, Subdiacono... Patriarchas, Primazes, Exarchas... mas começa a constituir-se, a definir-se, a organizar-se.

O Bispo era o successor dos Apostolos, o chefe de cada Igreja particular, como o Bispo de Roma o era da Igreja universal — *episcopus episcoporum* — como, apesar das suas incoherencias e contradicções, lhe chamou Tertuliano.

A historia, assim como prova que a preeminencia do Bispo de Roma data dos primitivos tempos da Igreja, assim demonstra igualmente, que desde os tempos apostolicos se estabeleceu perfeitamente a distincção entre Bispos, Presbyteros e Diaconos, distincção que é o elemento da constituição da Igreja, elemento divino, fundamental e immutavel no meio das variadas fórmas que depois lhe deram os tempos, as circumstancias e a actividade dos homens, como disse um illustre historiador¹.

Augmentando todos os dias o numero dos fleis, augmenta tambem o numero dos negocios, o que torna necessaria a ordenação de mais Presbyteros e Diaconos, sendo mesmo preciso mais tarde como que desdobrar as suas funções e distribuil-as pelos subdiaconos, leitores, acolytos, ostiarios e exorcistas, sem que se alterasse em coisa alguma a hierarchia instituida por Jesus Christo.

Junto de cada Bispo os Presbyteros formavam como que um senado ou conselho, que o Bispo muitas vezes ouvia sobre os negocios importantes, mas a preeminencia dos Bispos era incontestavel; só elles conferiam ordens, prégam e administravam os Sacramentos por virtude do seu pleno poder; presidiam aos conselhos, admittiam ou excluam os membros da comunidade christã, davam cartas de recommendação e mantinham a união entre os fleis das diferentes commuidades, que governavam. Os Presbyteros eram os seus cooperadores e administradores dos Sacramentos; os diaconos, successores dos fleis escolhidos pelos Apostolos para distribuir as esmolas e cuidar dos pobres, além da predica, do Baptismo e do cuidado dos enfermos, administravam a Eucharistia e recebiam as offertas do povo.

Pelo que temos dito se vê que a hierarchia ecclesiastica, cujas bases fundamentaes se encontram nos escriptos dos Apostolos, se vai desenvolvendo, defi-

¹ Dr. J. Alzog, *Hist. Univ. da Igreja*, vol. I, g. 225.

nindo e fixando á medida que a Igreja se vai estendendo, e alargando por toda a parte a sua influencia salutar.

Não falamos ainda os escriptos d'aquelle tempo em Patriarchas, Primazes, Exarchas, Arriprestes, etc., mas a Igreja tem-se já desenvolvido bastante para deixar ver o que ella tem de essencial e fundamental no seu governo, na sua doutrina e nas suas instituições.

A palavra *arcipreste*, de origem grega, significava, nos primitivos tempos da Igreja, o primeiro Presbytero, provindo essa preeminencia da antiguidade da ordenação — *Quare verisimillimum est iis temporibus, primum episcopum, primum presbyterum et primum diaconum illum dictum esse, qui aut honore, aut etate major esset, vel inter ejusdem provincie episcopos, vel inter presbyteros diaconosque ejusdem ecclesie*¹.

O Arcipreste — *Archypresbyter* — era então o presidente do senado ou cabido episcopal; occupava o lugar immediato ao do Bispo nas solemnidades a que este presidia e substitua-o no exercicio das funcções sacerdotaes.

Em todo o caso, nos primeiros cinco seculos, sobretudo na Igreja do occidente, o Arcipreste — *Archypresbyter* — era o Presbytero mais antigo na ordenação — *Erat ergo usu recepta et communis eullex, ut inter presbyteros antiquioris ordinationis ratio servaretur* — embora algumas vezes já soffresse excepção esta regra, como certos factos claramente revelam.

S. Gregorio Nazianzeno, o theologo, indo visitar S. Basilio, ha pouco elevado ao episcopado, não accitou o primeiro lugar entre os presbyteros, que lhe foi offerecido, o que significa, que, para um varão tam illustre pelo seu saber e virtudes, como era aquelle Doutor da Igreja, podia alterar-se o uso e costume antigo. Proterio, que não era o Presbytero mais antigo na ordenação, foi nomeado Arcipreste por Dioscoso, Patriarcha de Alexandria, a quem substituiu mais tarde, primeiro como seu Vigario Geral e depois no proprio cargo, quando aquelle foi deposto no concilio de Calcedonia.

Estas excepções, porém, confirmam a regra geral, que se observou com bastante vigor na Igreja do Occidente até aos principios do seculo vi; e de tanta importancia se reputava a observancia d'aquelle preceito disciplinar, que o Papa Leão estranhou-a e censurou severamente o procedimento de alguns presbyteros, que tinham cedido o seu lugar a outros na ordenação. O Papa Gelasio insta de novo pelo exacto cumprimento d'aquelle costume ou lei — *Nec cujuslibet utilita-*

tis causa, seu presbyterum, seu diaconum his praeferre, qui ante ipsos fuerint ordinati.

Para evitar contestações o segundo concilio de Milão determinou que — *litteras accipiant ab ordinatoribus suis, manu eorum subscriptas, continentibus consulam et diem, ut nulli altaratio de posterioribus vel anterioribus oriatur.*

Observa, porém, o illustre Thomassini, que taes prescripções se devem entender applicaveis somente nas reuniões e ceremonias publicas, onde é de razão que se attenda, considere e respeite a velhice, ou antes a antiguidade da ordenação, e não em particular, onde os Bispos sempre recommendavam e puzeram em pratica a virtude da humildade tam eloquentemente recommendada por Christo. No quarto concilio de Carthago consignam-se em poucas, mas significativas palavras, aquelles salutaes preceitos inspirados no Evangelho.

Lê-se alli — *Ut Episcopus quolibet loco sedens, stare Presbyterum non patiatur, ut Episcopus est in Ecclesiae concantu Presbyterorum sublimior sedeat. Intra domum vero collegam se Presbyterorum esse cognoscat.*

É pois certo que nos primeiros cinco seculos da Igreja o Arcipreste — *Archypresbyter* — era o Presbytero mais antigo na ordenação. Velava pelo exercicio regular do culto, substitua o Bispo nas funcções sacerdotaes e algumas vezes era o seu immediato successor. Os Arciprestes eram os cooperadores e ministros do Bispo, os seus auxiliares no governo da diocese que, por delegação e não por direito proprio, exerciam aquellas ou outras attribuições. Eram em certo modo os Vigarios geraes dos Bispos, e, com os Arcediagos, velavam, segundo se estabelece no canon 17 do 4.º concilio de Carthago, pelas viuvas, orphãos e peregrinos — *Ut Episcopus gubernationem viduarum et pupillarum et peregrinorum, non per se ipsum, sed per Archypresbyterum aut per archidiaconum agat.*

Opera jam tam res erat haec miserabilium et egenorum cura, escreve o illustre Thomassini.

Tal era, no fim do quinto seculo da era christã, a disciplina da Igreja em relação aos Arciprestes.

Abrantes.

(Continúa).

M. MARTINS, ARCIPIRESTE.

Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado do n.º antecedente)

105.º

CCXXVI

P. Claudio Tiphaine

No tempo em que se controvertia fortemente nas escholae catholicas a dou-

trina intrincada sobre a graça e o livre arbitrio, e a Igreja se occupava seriamente de a decidir, floresceu na França o jesuita Claudio Tiphaine, que nas suas obras tractou da questão d'uma maneira clara e concisa, com geral louvor.

Era isto nos fins do seculo xvi e principios do xvii.

Primeiro que tudo vejamos quem era o padre Tiphaine. Nasceu em Paris, no anno de 1571. Entrando na Ordem de Sancto Ignacio, deu-se logo a conhecer por suas virtudes e sciencia, e foi escolhido para ensinar philosophia e theologia em varios collegios da Companhia.

A grande reputação, de que gozava como bom religioso e habil theologo, o tornou digno de occupar os primeiros cargos do seu instituto. Tiphaine foi reitor dos collegios de Reims, de Metz e de la Fleche, e provincial de Champagne.

Falleceu piamente na cidade de Sens, no anno de 1641. As suas obras principaes versam sobre theologia dogmatica e polemica, em latim e francez; são muito apreciadas pela profundidade, com que tracta o assumpto.

Na questão sobre a graça, que n'esse tempo se ventilava calorosamente, o padre Claudio Tiphaine, ainda que jesuita, abraçou o sentimento dos chamados thomistas, e não deixou por isso de ser sempre estimado na sua Ordem.

Esta circumstancia mostra, além de outras razões, que podiamos enumerar, que na Companhia de Jesus não ha a mais pequena imposição aos seus membros de sustentarem o systema de Molina, como querem os inimigos dos jesuitas. É livre a cada um o seguir o systema theologico, que quizer, salvos os principios da fé e a doutrina da Igreja.

Quando em outra parte fallamos do padre Luiz Molina, doutissimo jesuita, dissémos em summa o que se devia entender sobre esta controversia entre os molinistas e thomistas. Repetiremos que a Igreja nada decidiu sobre as duas escholae, permitindo que podiam livremente abraçar os seus sentimentos.

Sendo certo que uns e outros condemnaram os erros contrarios ás decisões da Igreja, concordando nos pontos definidos, pouco importa a maneira de estabelecer as conclusões; e assim os Pontifices limitaram-se a reprimir o abuso, deixando á liberdade dos theologos esta discussão. A falta de raciocinio é mais um negocio de logica do que de theologia.

Nem todos os jesuitas sustentam o systema theologico de Molina, que não está condemnado pela Igreja, como pretenderam os adversarios; pela parte opposta temos, entre outros, o nosso padre Claudio Tiphaine; e por outro lado, muitos theologos estranhos á Companhia adheriram á doutrina de Molina.

O que devemos accentuar é que o je-

¹ Thomassini, *V. et V. Ecclesiae Disciplina*, tom. I, liv. II, cap. II, §. 11.º

suita Tiphaine foi um homem notavel em sciencia e piedade, e reconhece-se nos seus escriptos o espirito de analyse, a sagacidade e a precisão, que os caracterisam.

CCXXVII

P. Jeronymo Trento

Este jesuita é considerado como um dos mais famosos prégadores da Italia, no seculo xviii; o sabio critico Muratori compara-o ao padre Segneri, tambem jesuita, de que falamos em outra parte: basta dizer isto, para se avaliar o seu merecimento.

Jeronymo Trento, descendente d'uma familia nobre, nasceu em Padua, no anno de 1713; mas uma vocação irresistivel o levou a abandonar as pompas e grandezas do seculo, trocando-as pela disciplina e observancia religiosa na Ordem de Sancto Ignacio.

Depois de ter exercido o professorado em diferentes collegios, segundo o costume do seu instituto, entregou-se absolutamente à prégacao, ministerio em que rivalisou com os primeiros oradores do seu tempo. Toda a Italia ouviu com assombro o seu verbo eloquente e cheio de unção, por espaço de 38 annos.

Porque o padre Trento ao poder da palavra juntava o do exemplo, mais persuasivo e mais efficaz ainda. Já se vê que estas qualidades o constituíam verdadeiro orador sagrado; e é por isso que os sermões colhiam abundante fructo.

Falleceu este dignissimo jesuita a 19 de abril de 1784. Apenas restam d'elle dois volumes de sermões, que se distinguem principalmente pela boa disposição, encadeamento de provas e força de raciocinio.

CCXXVIII

P. André Spagni

Foi contemporaneo do padre Trento na Italia um outro jesuita, que se distinguio em philosophia, especialmente na metaphysica, e que ensinou mathematica no collegio romano, com muita reputação: é o padre André Spagni, natural de Florença.

Abraçou o instituto em 1733, tendo 17 annos de idade, e ensinou com muito louvor philosophia e theologia em diversos collegios da sua Ordem. No tempo em que foi professor de mathematica em Roma, ajudou o padre Asclepi, jesuita, que então professava astronomia no collegio romano.

Sendo extinta em 1773 a Companhia de Jesus, o padre Spagni continuou com o mesmo ardor os seus estudos philosophicos. Falleceu em Roma a 16 de setembro de 1788, com a reputação de bom religioso e d'um dos mais habeis metaphysicos do seu tempo.

Além das obras sobre philosophia, deixou tambem um tractado acerca dos milagres.

O padre Spagni era o ornamento da Companhia de Jesus no momento da sua extincção, quando o jansenismo e o philosophismo, isto é, a impiedade e a heresia, a accusavam de todos os erros e crimes.

(Continúa).

PADRE JOÃO VIEIRA N. CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Sermão prégado no Monte Sameiro por occasião do 50.º anniversario do Apostolado da Oração, pelo Director Central do mesmo Apostolado.

O magnifico sermão, que temos á vista é um modelo de oratoria sagrada. Elle revela-nos (e desculpe-nos a muita modestia do seu auctor, que não deixará de conhecer, que é *ad majorem Dei gloriam*, que fazemos a nossa apreciação, seguindo sempre as inspirações da justiça, tanto quanto nos é possivel) um saber profundo e um zelo ardente pela gloria de Deus e salvação das almas. O rev.^{mo} snr. Padre Bento José Rodrigues, servindo-se do texto — *Adveniat regnum tuum* — apresentou a these — O Apostolado da Oração é o *Orgão* providencial da tão sympathica devoção ao Sagrado Coração de Jesus; é o novo *Precursor* do reino social de Jesus Christo — these, que desenvolve n'uma linguagem, não rude, como elle diz, mas correctissima, agradável, grave e rigorosamente evangelica.

Folgamos de vêr publicado em folheto o magnifico sermão do rev.^{mo} sur. Padre Bento José Rodrigues, e isto por dois motivos: primeiro, porque a grande maioria dos fieis, que tomaram parte na imponentissima e inolvidavel Peregrinação, que a nobre cidade dos Arcebispos realisou no dia 20 de maio, não ouviu este sermão, o que não admira, pois que, para que todos ouvissem, seria preciso, como lembrou o rev.^{mo} dr. Cosgaya, que pelo Sameiro estivessem distribuidos, pelo menos, 12 prégadores; e em segundo lugar, porque é bem, que sermões d'estes se publiquem, para estudo dos que se dedicam ao pulpito e confusão dos que espargindo só *flôres*, não procuram colher os fructos que constituem a maior gloria e melhor proveito do orador sagrado.

*

Com o sermão a que nos vimos referindo, vem tambem publicada no mesmo folheto a memoria apresentada no

congresso catholico de Braga, pelo rev.^{mo} Padre Manoel Martins de Aguiar — *O Apostolado da Oração e Liga do Sagrado Coração de Jesus, pelo Padre Bento José Rodrigues, Director Central do Apostolado em Portugal*. A memoria tracta dos seguintes pontos, que estão admiravelmente desenvolvidos:

1.º O que é o Apostolado da Oração em si mesmo — o seu caracter, o seu objecto, os seus fins e meios adequados.

2.º Qual a sua organisação actual no mundo catholico e particularmente em Portugal.

3.º Quaes as suas vantagens religiosas e sociaes, apontando em seguida os meios mais proprios para tornar essas vantagens mais copiosas, mais universaes e duradouras.

À venda em casa do snr. José Joaquim da Silva Guimarães, rua de Gil Vicente, Guimarães. Preço 100 reis.

*

Recebemos mais um fasciculo — o ix — da empresa das *Leituras Catholicas*, de Nictheroy (Brazil), cujo titulo é — *No céu nos reconheceremos* — cartas de consolação escriptas pelo P. Blot.

Cada fasciculo custa apenas 100 reis. Recommendamos esta publicação aos nossos leitores, pois faculta uma leitura instructiva, moralisadora e agradável.

*

Recebemos tambem o n.º 275 de *La Guirnalda y La Bordadora*, excellente revista, que se publica sob a direcção de D. Jaime Brugarolas.

Assigna-se em Barcelona, Archs, 8, pral.

*

Agradecemos os exemplares, que nos foram offerecidos.

SECÇÃO ILLUSTRADA

S. Jeronymo

(Vid. pag. 223)

Nasceu este grande santo e insigne doutor em Stridon, cidade da Illyria nos confins da Dalmacia e da Panonia, no anno 332. As suas virtudes, a sua erudição vastissima, o seu saber profundo fizeram d'elle um dos mais brilhantes luminares da Igreja Catholica, que celebra a sua festa no dia 30 de setembro. Não permite o limitado espaço de que podemos dispôr n'esta secção dar aos leitores do *Progresso Catholico* uma desenvolvida noticia dos trabalhos de S. Jeronymo, que com S. Gregorio papa, Sancto

Ambrozio e Sancto Agostinho, occupa o primeiro lugar, como doutor da Igreja. Póde, porém, ser consultada a magnifica obra do Padre João Croiset — *O Anno Christão* —, que o sr. Antonio Dourado tem publicado e continua a distribuir em fasciculos.

A nossa gravura representa o glorioso santo no deserto da Chalcidia, para onde se retirára, para se entregar á penitencia, com Heliodoro, Hylas e Innocencio.

As consolações (diz o Padre Croiset, na obra citada) que S. Jeronymo experimentou n'aquelle doce retiro foram aguarentadas com a morte de seus companheiros Heliodoro e Hylas e com o regresso de Innocencio á Italia. Tambem assignalou o Senhor sua virtude com outras provas. Alligiou-o com varias enfermidades; mas o que mais o angustiava eram as violentas tentações de impureza com que o atormentava a carne, quando lhe davam treguas os males, representando-se-lhe continuamente com a maior vivacidade na imaginação os objectos, que tinha visto em Roma e excitando n'elle um involuntario, mas vehemente desejo das commodidades da vida, que havia abandonado em generoso sacrificio.

Era para evitar essas molestas tentações, que S. Jeronymo se entregava aos mais rigorosos jejuns e outras penitencias corporaes, no deserto da Chalcidia.

RETROSPECTO

Exercicios espirituaes ao clero

Hão-de começar no dia 21, ás 4 horas da tarde, e terminar no dia 27, ao meio dia, do proximo mez de outubro, na capella do S. Coração de Jesus, em Braga.

Rogo aos rev.^{mos} snrs. sacerdotes, que os desejarem fazer n'esta occasião, queiram preverir a tempo e declarar junctamente se no dia da entrada lhes convém jantar na casa do retiro, para se lhes guardar e servir ás 2 horas da tarde.

Braga, rua de S. Bernabé, 17 de setembro de 1894.

PADRE LUIZ CAMPO SANTO.

Ainda a grande Peregrinação do dia 8 de setembro

É d'estes factos, que não se varrem facilmente da memoria e que estão destinados pela sua importancia a marcar uma época. E comtudo, apesar da altissima importancia, que teve pelo numero

de fleis, pela piedade, enthusiasmo e esplendor, poucos jornaes, a não ser os de Guimarães, fizeram menção d'esta imponentissima manifestação catholica, e isto por culpa nossa e só nossa. Nós, os vimaranenses, ficamos extaticos em presença da assombrosa peregrinação, que foi muito além da nossa expectativa, e nem ao menos nos lembramos de annunciar a Portugal catholico, que aqui, no berço de Alfonso Henriques, se conserva um exercito firme e aguerrido, que tem por bandeira a cruz, por arma a oração, por lei o evangelho e por estrela que o guia, a fé catholica. Não o annunciamos. . . por desleixo e nada mais. É culpa velha. . .

Os briosos artistas de cortumes, que tanto contribuíram para o esplendor da Peregrinação, haviam dirigido, dias antes, um officio ao dignissimo presidente da comissão executiva, rev.^{mo} sr. Padre Bento Rodrigues, a que vamos dar publicidade, assim de que se possa avaliar a bella orientação dos que, ha poucos annos aiada, eram alvo do escarneo de muitos, que os lisongeavam na presença e se riam d'elles quando os viam passar com uma *esturdia*, que felizmente deixou de existir. Segue o officio:

Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

Os industriaes de cortumes n'esta cidade, dominados pelos mais fervorosos sentimentos religiosos e instigados por tudo quanto seja attinente a dar importancia á terra, que lhes serviu de berço, rogam respeitosamente a V. Exc.^a como diguo presidente da illustre comissão promotora da grande Peregrinação commemorativa do 50.^o anniversario do Apostolado da Oração, que deve effectuar-se no dia 8 do proximo mez de setembro, a graça de assentir, que se incorporem n'essa manifestação catholica, levando á sua frente a bandeira, que ha muito possuem.

O nosso fim, Exc.^{mo} Snr., é substituir os galhofeiros brinquedos, que no dia 8 de setembro levavamos á Penha, nos annos precedentes, por uma manifestação apropriada aos nossos sentimentos religiosos — preito de submissa homenagem á Virgem da Penha, que temos por nossa guia.

Deus Guarde a V. Exc.^a por muitos annos.

Guimarães, 19 d'agosto de 1894.

Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Padre Bento José Rodrigues.

O Presidente,

Antonio Luiz Carreira.

Lêram? Que bella orientação a d'estes artistas, não lhes parece? . . . Pois ha *alguem*, que não gosta. A esse *alguem* (*et sociis ejus*) recommendamos, que não offereça mais hymnos (?), que offendam a sua crença (d'elles); aquella gente é muito séria e não admittre, que se brinque com o que tem de mais sagrado. . .

Que o tal hymno (?) foi um desastre na forma e um desastre maior ainda na ideia. O homem nunca tinha feito versos.

Mas era preciso dar uma carga nos *hypocritas* e lá vae o pobresinho, caminho do Paruaso. Chegando ahí, viu muitos poetas. Abraçou um, que lhe parecia o Castilho, mas não era; por uma lamentavel *illusão de optica*, confundiu o auctor do *hymno do trabalho*, com o *Maduro*, de Athães. Este serviu e lá fizeram o *hymno*, que foi lido em voz alta. O Castilho ouviu e chorou; o Faustino Xavier de Novaes ouviu tambem, e rindo como louco, recitou aquelles dois versos, apontando para o *fazedor* do hymno (?):

A natureza a dizer-lhe: arre para a prosa!
E elle sempre a fugir para a poesia.

Mas deixemos o tal hymno (?), de que conservamos 50 exemplares para fazer uma fogueira em noite de festa, e cumpramos um dever.

Aos nossos prezadissimos collegas *Commercio do Minho*, *Palavra* e *Correio Nacional*, agradecemos a publicação das noticias, que d'aqui mandamos ácerca da grande Peregrinação. Ao primeiro não só agradecemos, mas até louvamos. O collega comprehendeu perfeitamente, que quando se tracta da Religião, em prol da qual combatemos e para cujo progresso trabalhamos, as rivalidades locais, raes ou imaginarias, devem desaparecer, e por isso deu o lugar de honra n'um dos seus numeros ao programma, que lhe enviamos. Um aperto de mão e a paz do Senhor seja sempre connosco.

A franc-maçonaria está em crise. . . Não bastava a obra de Leão Taxil, que trouxe para publico os segredos da *beneficencia*, *philantropica* e *altruista* sociedade dos *tres pontinhos*, ainda apparece o antigo chefe franc-mação, Domenico Margiotta, com a publicação d'um livro intitulado — *Adriano Lemmi, chefe dos*

franc-mações — no qual tira a máscara á seita e lhe dá paucadaria de ce-go! E não ficam por aqui as desgraças d'esta malfadada *sociedade*. Crispi, o famoso Crispi garibaldino e franc-mação, fez ha pouco um discurso no qual teceu rasgados elogios a um principe da Egreja, o cardeal San-Felice e que terminou por estas palavras: «Levantemos hem alto este estandarte (com Deus, com o rei, pela patria) e mostremol-o ao povo como signal de salvação: *In hoc signo vinces*».

*

Realisou-se em Turim um importantissimo Congresso Eucharistico. Guimarães quer e pôde realizar tambem um Congresso dentro de seus muros. Será o primeiro em Portugal e não deve demorar-se muito a sua realisação.

Conta-se, que um dia, vindo da Hespanha um monge com outros companheiros, chegando a Portugal, o monge desceu do vehiculo, que o conduzia, e, ajoelhando, beijou o chão. Perguntando-lhe os companheiros o motivo d'essa acção, o monge respondeu: «Beijo a terra do Santissimo Sacramento».

Pois se Portugal é a terra do *Santissimo Sacramento*, qual a razão por que não realisamos um Congresso Eucharistico? — Muitos nos têm dirigido esta pergunta e a nossa resposta é só esta: Esperamos que um nosso antigo professor, amigo e catholico activo, como poucos, nos dê a palavra d'ordem. S. exc.^a a mandar e Guimarães em peso a trabalhar pela realisação d'esse acto em honra do Augustissimo Sacramento

de nossos altares. E dizemos *Guimarães em peso*, porque ainda no dia 8 de setembro vimos o quanto podem e quanto valem os filhos d'esta abençoada terra, quando tractam de manifestar a sua fé.

R.

ANNUNCIOS

VIDA DO VENERAVEL

P.^e FRANCISCO MARIA LIBERMANN

FUNDADOR

DA

Congregação do Espirito Sancto
e do Immaculado Coração de Maria

Preço. 500 reis

PERFIDIA DO DEMAGÓGO

Scenas tragicas da revolução franceza

VERSÃO

DE

MATTOS FERREIRA

Preço. 300 reis

À venda na administração do Pro-
gresso Catholico.

HISTORIA DA APPARIÇÃO

DE

Nossa Senhora de Salette

COM VIA-SACRA E NOVENA

Preço. 60 reis

O PRISIONEIRO

OU

RAUL DE MONTE SAINT-JEAN

EPISODIOS DAS CRUZADAS

Preços:

Brochado..... 160 reis
Encadernado em percalina..... 300 »

AS BEMAVENTURANÇAS

OU A

SCIENCIA DA FELICIDADE

POR

MADAME BOURDON

Preço..... 200 reis

À venda na administração do Pro-
gresso Catholico.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis — Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União geral dos correios, 1\$000 reis — Estados da India, China e America, 1\$280 reis (moeda portugueza)
Numero avulso 100 reis. — Edição de papel de luxo, mais 200 reis

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um anno

REDACTOR

Padre Gaspar da Costa Roriz, Commissario da Ordem Terceira de S. Francisco

ADMINISTRADOR

Simão Neves

Redacção e administração — Rua Nova de Santo Antonio n.º 55 a 59 — GUIMARÃES